

SERIE DOUTRINARIA DA NOVA JERUSALEM

As Religiões e Mythologias Desvendadas

Segundo Uma Nova Revelação

POR

Levindo C. La Fayette

Edictada pela Associação Geral da Nova Jerusalem no Brasil

RIO DE JANEIRO

Officinas Graphics do “Jornal do Brasil” – Av. Rio Branco 110 e 112

1920

PREFACIO

Ha uma Doutrina religiosa e filosofica pela qual todas as religiões, mythologias e cosmogonias antigas são explicadas de modo claro, logico e racional, e pela qual todos os segredos, symbolos e emblemas occultos do passado são desvendados.

Essa nova Revelação, outorgada á Nova Jerusalem, é uma verdadeira chave que abre a porta dos sanctuarios antigos explicando o que nelles se ensinava com tanto mysterio. A Fabula antiga, as cosmogonias e legendas de todos os povos antigos são agora interpretadas por uma luz nova que penetrando esses véos mysteriosos ensina a origem de todas as religiões e de todos os ritos, o que até hoje foi impossivel fazer.

Era natural que a Nova Jerusalem, ultima dispensação religiosa, dêsse á humanidade um conhecimento exacto, conciso e racional sobre esses mysterios antigos que prefiguravam unicamente a vinda de uma era bemdita para a raça humana depois das tremendas luctas que ella soffreria.

A nova Doutrina filosofica rasga os véos seculares que occultavam a Verdade, e, pondo esta em sua verdadeira luz, reduz todas as religiões á unidade. O que todas ellas ignoraram, e ignoram ainda, é agora desvendado claramente para todo homem independente, racional e sensato.

Agora que está morto o Christianismo (elle o era de nome sómente) e que desponta o verdadeiro Christianismo revelado na Doutrina Celeste, agora que surgiu a nova Era vislumbrada apenas pelos Antigos, mas que elles não puderam entender porque a humanidade não tinha attingido a sua racionalidade nem a sua emancipação scientifica, agora que a Verdade, occulta outr'ora nos labyrinthos dos mysterios, apparece em toda a sua luz e que é permittido ao homem entrar nos mysterios da fé, todo individuo, que não estiver cego pelo fanatismo scientifico ou religioso, pela vaidade, orgulho ou amor proprio, póde ver que existe realmente uma Doutrina nova e fixa que esclarecerá o seu espirito.

As Religiões e Mythologias desvendadas

I

ORIGEM DA QUÉDA DO HOMEM

Todas as religiões provam, a philosophia attesta, a moral faz fé, que o homem se desviou de Deus Creador.

Esse desvio do homem, ou o seu afastamento voluntario de junto do Creador, é a sua quéda ou a da humanidade.

E' essa quéda que entrou em todos os symbolos e se tornou um dogma universal e que para o Christianismo constituiu o peccado original. Essa quéda consistiu em que o homem, creado com o amor de si ou do *eu* (que é o amor individual) como meio, como o unico movel proprio para conduzil-o ao amor colectivo ou *amor universal*, fez desse amor de si o amor *exclusivo* e *dominante*. Assim, elle se separou de Deus que é o Amor Mesmo, o Amor Infinito.

O egoismo foi, pois, o peccado original e elle se tornou em peccado actual, porque as inclinações dos paes se transmittem aos filhos, e a humanidade desviada de seu rumo nos primeiros tempos não poude deixar de transmitir á humanidade que lhe succedeu as propensões que constituíram a sua natureza. Por conseguinte, a quéda do homem primitivo tinha de deixar para sempre o homem dos tempos posteriores nas trevas absolutas do espirito e do coração, porque o amor legitimo só existe em Deus e com Deus.

O homem, separado de Deus, recebeu o amor que é a vida commum de toda a criação; como, porém, voltou esse amor para si proprio em vez de deixal-o expandir-se segundo a sua propria natureza, elle só ficou conhecendo um amor illegitimo, e os seus descendentes pelas leis de transmissão, leis geraes em todos os seres organicos, não puderam conhecer por si mesmos outro amor.

Em consequência disso, prometeu-se á raça humana degenerada um Libertador (Genesis, III, 15).

Era da essencia do Amor Supremo não deixar o homem imperfeito. A Ordem tinha um dia de fazer cessar a desordem. Ora, a promessa de um Libertador é um *facto cosmogonico* em que repousou a religião de todos os povos.

A realização dessa promessa é um segundo *facto* que constitue todas as mythologias pagãs. Finalmente, a expectativa desse Libertador é um *terceiro* facto que caracteriza hoje o unico povo entre o qual se acha a *negação* da realização da Personagem Divina.

E' facto evidente que os povos não poderiam esperar senão um Deus para libertal-os. Com effeito, as leis immutaveis da transmissão não permittiam que as gerações bastardas se restabelecessem por si proprias.

O homem não podendo elevar-se a Deus, Deus tinha de descer até ao homem.

II

O MESSIAS

Um Messias vem a ser pois, o *facto* unico da crença de todos os povos. Promettido, dado ou esperado, elle é o centro unico das homenagens respeitosas dos mortaes. E é o que vamos ver figurado em todas as religiões da antiguidade que serão assim reduzidas á unidade. Com effeito, vemos em toda a parte Incarnações do Principio Supremo, quer entre os povos desviados que tomam o sol por esse principio, quer elles transportem para os heróes mortaes o papel da Redempção Divina.

Ora, sendo assim, a Doutrina Celeste anniquila ou pulveriza por completo os tres systemas principaes dos mythologistas. O primeiro: *que os agentes physicos da natureza foram os unicos*

deificados. O segundo: que não ha outros deuses senão os homens illustres cujas apotheoses foram feitas pelos povos; o terceiro emfim: que toda religião começou pelo fetichismo.

Pois bem, a Nova Doutrina ensina que a natureza exterior foi tomada por um symbolo, as apotheoses da historia, foram tomadas pelo facto adulterado do Messianismo primitivo; finalmente, ella ensina que é a Edade de Ouro que vem á frente de todas as cosmogonias e não um estado de barbaria como os pseudo philosophos suppõem.

Todas as religiões passadas nos fallam do sol e dos astros e se é levado a crer que o Sabeismo era o seu principio, si não fosse muito facil demonstrar que a natureza exterior foi simplesmente um symbolo. E isto se demonstra por muitos modos, como pelo bom senso, pois não é o sol que muda os corações e nem a religião tem a sua séde no sol. Também se prova isso pela linguagem dos primeiros povos, que é toda symbolica e que sempre exprimiu outra cousa além do que o sentido literal faz suppôr. E, finalmente, pelas proprias sensações dos que fundaram todas as religiões, pois todos tendo sido extaticos ou videntes, não puderam ver sentimentos moraes sem dar-lhes formas, e não puderam crear no extase outras formas senão as que os sentidos lhes deram a conhecer no estado de vigilia. Por conseguinte, de tudo isso resulta que as imagens do sabeismo foram unicamente hieroglyphos. Brahma, Zoroastro, Hermes Trismegisto foram todos prophetas.

As nações da antiguidade nos fallam todas de seus deuses como heróes libertadores que vieram á terra para travarem combates naturaes. Ora, é facil ver que, por causa do genio allegorico dos antigos, esses combates naturaes figuram combates moraes, e, com effeito, desprender-se das suggestões do egoismo para sentir unicamente o Amor Divino, suppõe no homem natural um rude combate.

Dahi originaram as provações que eram impostas aos iniciados; dahi é que todos os domadores de monstros, deuses ou heróes, são apenas allegorias ao *Deus dos Exercitos* da Sagrada Escriptura, por isso que todas as historias em que taes factos são relatados, não são outra cousa mais do que a noção desfigurada de um Messias.

E' possivel que se nos pergunte a razão por que a historia do Messias que data de 1920 annos tenha servido de base a tradições que remontam a mais de quatro mil annos de antiguidade.

A isto se responde: Como é que a historia desse Messias foi escripta por Isaías sete a oitocentos annos antes do acontecimento?

Dirão que Isaías era um extatico ou vidente. Ora, taes foram também os fundadores de todos os cultos. E também desde a quéda, a Redempção foi promettida e annunciada. Os extaticos ou videntes a ensinaram por symbolos e os symbolos entre os povos enganados foram tomados como cousas reaes.

III

RESPOSTA A ALGUMAS OBJECÇÕES

Uma das primeiras objecções seria si o homem realmente degenerou.

Isto se prova pelas cosmogonias de todos os povos que consideraram o homem como tendo cahido no mal, facto que é pois, universal ou do *consenso unanime dos povos*.

Outra objecção é si houve um Libertador Celeste promettido em todas as nações.

Todas as nações adoraram um Libertador. Ora, tal culto não podia vir de outra parte senão de uma expectativa *anterior*, porque só se espera o que é promettido.

Quanto ao facto de que o homem hoje nasce no mal e que as propensões e os vicios são hereditarios, a philosophia (como a experiencia humana) prova que só a educação é que pode crear o homem.

Ora, em todas as crianças ha uma inclinação visivel ao *eu*. Sem uma reforma, essa inclinação faria dos meninos seres insociaveis em guerra uns contra os outros.

E' certo que de todos os povos o unico que dá provas historicas da realisacão da vinda do Messias é o povo hebreu. Entre todos os outros povos, o Messias remonta aos tempos historicos e á

época mais notavel da Historia. Accresce que a erudição encontra fabulas em todos os deuses do paganismo, mas os elementos da historia estão no Deus dos christãos.

Resulta, pois, de todos esses factos que a noção de um Messias é uma noção universal. Antes de se inquietar si houve um Messias indiano, persa, egypcio ou judeu, si houve um Messias – homem philosopho, legislador e propheta, deve-se considerar a crença em um Messias como a base de uma doutrina moral universal, e deve-se reconhecer no Messianismo um grande symbolo unico, universal.

Ora, em toda a parte o Messias é o Filho por excellencia, o Deus encarregado de completar a obra Divina, Aquelle que regenerando-se a si mesmo, deve regenerar o homem decahido. Tambem em toda a parte é o Verbo creador incorporado á materia; em uma palavra, a resolução do multiplo na unidade, a volta a Deus, a destruição do *eu*, a absorpção de todo amor individual no amor universal.

Este symbolo é de uma verdade incontestavel. A Personagem, na qual o symbolo se realizou, existiu? Esta é uma questão puramente historica. Ella existiu porque todo symbolo repousa em um facto, e a legenda judaica que nos dá a vida do Christo não póde ser uma mentira, não só por causa da sua novidade como pelas provas historicas em que ella se funda.

Os primeiros fundadores das religiões consignavam seus dogmas em representações figuradas, como a Antiguidade inteira nol-o attesta. Assim, na alta antiguidade, toda religião, todo culto, toda instrucção moral ou philosophica, produzia-se sob a fôrma de symbolo e de emblema. Os que fallam das cousas Divinas por intermedio de signaes sensiveis exprimem-se em symbolos e em mythos ou figuras.

IV

As MYTHOLOGIAS

Os mythos propriamente assim chamados são a consequencia do declinio e da dissipação da Revelação primitiva e dos seus mandamentos, e não são o começo das philosophias. O mappa dos céos astronomicos em signos, como a Ursa, a Virgem, Orion e as Pleiades, são esforços mythicos ligando as cousas do céu com as da terra, e são derivações da antiga e inexaurivel *Scienzia das Correspondencias*.

Mas cumpre saber que as raças que deram origem a essas cousas eram altamente scientificas, muito dedicadas, como no Egypto, á Scienzia da Religião que ellas professavam, e na escala méramente humana o opposto das tribos selvagens.

Ha, com effeito, sciencias de todas as cousas. Temos as sciencias sensuaes, physicas e mathematicas e deve suppôr-se que estas são as unicas sciencias claras. Mas todo facto Biblico real com a correspondencia é tambem materia de sciencia. Ora, o que pertence á Igreja do Senhor é a mais poderosa e importante das sciencias. O mesmo succede com as relações do homem com o homem; toda lei humana, toda justiça e todo juizo humano, é uma sciencia.

Sendo assim, a sciencia é uma materia de influxo nas differentes faculdades; por conseguinte a sciencia, filha legitima da consciencia, foi possuida em sua especie e mudada por todas as raças mas não teve principio, mas apenas um termo imperceptivel entre os selvagens. Estes não se iniciaram nas sciencias nem nas philosophias, nem nos mythos, nem nos germens delles, ainda que possam ter sido devastados pelos vermes das superstições finaes de todas as tres faculdades humanas.

As raças que produziram os mythos ainda existem, e o seu escopo geographico demonstra, como Bacon viu claramente, uma radiação de um centro dynamico original.

E' impossivel estudar as religiões, mythologias e Fabulas do mundo antigo sem descobrir que ellas são apenas as veredas que procedendo do oriente, do occidente, do norte e do sul, vão ter ao bello templo da Antiquissima Igreja denominada Adão ou *Homem*.

Do Nilo ao Euphrates, remontando ao passado mais obscuro, as maravilhosas verdades que hoje estão veladas, eram bem conhecidas.

Podemos compreender melhor o estudo do mytho grego, depois de um breve olhar sobre a mythologia comparada e um exame sobre a asserção de Tyrio, de Aristoteles, Seneca e de Agostinho, os quaes admittem que ha um consenso unanime em todas as terras de que ha um Deus Creador Universal, conhecido pelos Gregos como Zeus no ether, como Poseidon no mar, como Phebo Apollo no sol, como Hephestos no fogo, como Dionysio na vindima, como Deméter na colheita, como Artemisa na floresta, e como Pallas Athenê nas sciencias.

A mythologia não é de origem humana, mas como diz Wilkinson, ella é a corrupção de uma Revelação outr'ora commum á raça.

Quando ella encerra absurdos e sensualidades, estes são productos da invenção do homem. Basta, com effeito, lançar uma vista rapida á casta geral dos velhos mythos da Assyria, da Chaldéa e do Egypto para reconhecer as producções monstruosas das mentes humanas. O Egypto primitivo olharia com desprezo os mythos mais modernos, si pudesse ver, sob as formas monstruosas que elle adoptou pela sua luta com a verdade, que está debaixo, a qual creou vastos problemas que hoje podemos resolver, porque sabemos que toda cousa creada no universo tem uma contraparte espiritual a qual foi substituida por um completo materialismo que deificou não a relação que existia, mas a propria cousa creada, e, por este modo o culto da natureza se tornou um corpo sem alma. Mas o Egypto ainda se eleva como um sublime monumento da Igreja dos Antigos. As suas pyramides, os seus templos e obeliscos attestam as glorias da *Edade de Prata*. Lido na luz da doutrina da Nova Jerusalem, o Egypto se transforma em um livro aberto e conserva o seu uso determinado entre as nações.

Como as pyramides necessitam de bases, o céu tem necessidade de um viveiro, como disse Wilkinson. A religião christã repousa em todo testemunho quer natural, quer revelado; assim tambem as placas desenterradas da Babylonia exhibem ao mundo scientifico uma narração differente dos restos de outra qualquer nação antiga e produzem uma descripção da historia espiritual quando interpretada pela Doutrina.

Todas as ruinas encontradas hoje são reliquias de igrejas que declinaram no passado e assim nos dão o meio para compreender melhor a sua significação.

Para termos uma concepção mais verdadeira do nosso assumpto devemos considerar, por um instante, a natureza dessa “Divina Sciencia da Correspondencia” que não é a analogia, nem o symbolo, nem o emblema, mas é fundada na correlação perfeita das cousas naturaes com as cousas espirituaes. A analogia não requer relação alguma mas apenas uma semelhança; o emblema e o symbolo podem ser apenas representações poeticas arbitrarias e variaveis, mas a Correspondencia exige uma relação entre uma cousa visivel, natural, que é um effeito e uma cousa invisivel, espiritual que é a sua causa. A Palavra (Biblia) é outorgada por este modo, não arbitrariamente mas creativamente, e a mythologia é uma derivação desses principios.

Quando a raça foi dominada pelo amor das cousas scientificas, a sua humanidade foi representada por um *peixe-homem*; quando foi dominada pelas cousas sensuais, a combinação tornou-se monstruosa na *serpente-homem*. Neste modo o mytho teve as suas fórmas em uma escala exacta de degradação, segundo as Correspondencias, e declinou em expressões sem sentido quando desviou-se da verdade. As nações antigas desde o Nilo ao Euphrates estavam no conhecimento dessa sciencia das Correspondencias.

O Cananeu, raça maldita mencionada em Josué e nos Juizes, é apenas um outro nome da Phenicia, a mesma que deu á Grecia as suas letras, o seu commercio e civilisação e, com esta, todas as taboas apagadas da Revelação, que através do Mundo Antigo e depois pela Palavra Israelita, fôra a origem de todo o conhecimento religioso. Mas esse conhecimento religioso perdeu a sua significação com as nações pagãs depois de seculos de declinio, mudou-se em idolatria com muitos e, na Grecia, se converteu em fabulas. Os attributos Divinos foram considerados como outros tantos deuses separados, governados por uma Deidade suprema a que elles chamaram Jove, possivelmente de Jehovah.

E' sabido que esses povos tinham um conhecimento do paraíso, do diluvio, do fogo sagrado, das quatro edades de ouro, prata, cobre e ferro. Quando fallavam de Zeus como “o Pae dos deuses e

dos homens” elles não queriam dizer o mesmo quando usamos a expressão, mas queriam dizer um Pae em autoridade e providência.

A mensagem ou prece ao altar do lar e o fogo sagrado precediam toda oração a Zeus ou á Athenê. Não podiam saber porque, mas levaram com elles a impressão da fé Ariana.

Em todos os escriptos desde Hesiodo até Lucrecio, as aguas do *grande abysmo* são de valor immenso; ellas sempre produzem. Em todas as narrações encontramos que do resto do seu deposito, que é o pó da terra, Deus creou o homem. As duas forças, agua e terra, encerram os poderes duas da criação, o homem e a mulher para sempre. Ora, a terra sempre representou a *mente natural*; área de origens, a terra é a *bondade*, o mar é a *verdade*.

Theologica e historicamente os mythos são uma ponte sobre o abysmo das edades, uma vereda, como diz Wilkinson, no Divino Genesis, uma arca em que jazem occultas verdades que, de outro modo, se perderiam.

Como em nosso proprio tempo, assim então, o espirito do homem, recusando buscar a verdade na Fonte unica que responde ás suas milhares de perguntas, illegitimamente procurou obter respostas das estrellas, das cartas e dos espiritos pythonicos.

Ha um grande abysmo entre as fórmas das outras nações e as da Grecia. Muitas dellas são falhas de sentimento; mas todos os mythos proclamam a Edade de Ouro ou o tempo das condições paradisiacas quando o homem fallava com o seu Creador. Tal ensino é seguramente mais consolador do que o Comtismo, o Darwinismo, o agnosticismo ou o materialismo actual.

E’ uma lei commum em a natureza humana que todas as cousas teem progenitor: pae, mãe e filhos; o mesmo se dá na mythologia. Em todos os objectos naturaes os antigos viam alguma coisa além da apparencia. Uma *montanha* ou altura sempre representava o Céu e o Senhor; a *manhã* era um reflexo da aurora, no espirito, de uma nova verdade; uma *arvore* symbolizava o homem; o *fructo* era o amor ou a caridade; as *folhas*, a fé. A idéa correcta dos estados futuros se occultava sob o seu Tartaro e os seus Campos Elyseos. O Sol, gyrando pelo espaço, exigia um conductor e Phebo Apollo, deus humano de luz suppria a falta. Era isto melhor do que excluir a Divindade. Queria isso dizer que ha um Deus pessoal que é o Motor, um Divino Apollo cuja residencia apparente está no sol dos céos espirituaes.

V

O MYTHO DA SERPENTE

O influxo dessa primitiva relação correspondente á Quêda do genero humano pela instrumentalidade da serpente foi de tal poder e predominio que os signaes delle existem em mythos herdados por povos sadios e em fragmentos de grandes edificios na Inglaterra e em França, e mesmo agora no culto da Serpente na Africa e nas Indias Occidentaes.

Os ritos Vaudoux ou Vodum, envolvendo o cannibalismo, e a serpente que é o seu centro, a qual é algumas vezes installada, quando não engastada nas egrejas catholicas, têm sido descriptos como existindo no Hayti. Esse rito Vaudoux é uma importação da magia negra das raças negriticas da Africa pois na costa da Africa o seu nome é *Vodun*. A raça negra do Hayti não é selvagem no sentido da decadencia.

Este testemunho póde ser applicado a outras raças, como, por exemplo aos Indios da America do Norte que degeneram, nos tempos historicos, de edificadores de Templos à posição de caçadores que elles agora teem. Elles teem o seu Grande Espirito e campos afortunados de caça além do tumulto, mas estão perecendo, e, com elles os seus mythos estão perecendo ainda que tivessem Longfellow como o seu Hesiodo.

O mytho da serpente é a sobrevivencia tradicional mais notavel da raça denominada *Adão* que constituia a igreja primitiva emphaticamente chamada *Homem* no Genesis.

As raças que degradaram a Revelação primitiva transformando-a em Mytho, em ritos do Dragão e da Serpente, não são a origem della mas a receberam sem comprehensão quer pelo

costume, quer pelo conservantismo religioso. E' por este modo que os mythos da serpente se perpetuam na India e que os antigos imperadores da China se sentaram em um throno de *Dragão*.

VI

TODA MYTHOLOGIA TEM ORIGEM PAGÃ

Toda mythologia teve a sua fôrma especial nos paizes em que ella teve sêde e poder e por conseguinte foi por assim dizer o producto da região.

E' o que se deu com a mythologia grega, indiana, escandinavia e de outros paizes. Mas o espirito que as gerou é, em todo caso, commum ao mundo inteiro e procede da necessidade em que está a mente humana de reconhecer um poder acima de si propria e ter relações com elle. Naturalmente a origem de todas as mythologias provém de uma mythologia anterior ou da Revelação primitiva que foi desfigurada. Mas cada nação creou para si novos mythos proprios á sua religião. Naturalmente, raças civilisadas, artisticas e poeticas pela adivinhação, magia, mediuns, festas excitantes e mysterios foram o campo central e a agencia da origem.

O *Voluspa*, ou Adivinhação da Prophetiza narra que os nossos primeiros paes, foram na origem arvores Ask e Embla ou talvez Ash e Elm. Ora, as arvores na Sciencia das Correspondencias significam *percepções*, como se vê na linguagem Biblica.

Na mythologia Persa, os homens e as mulheres procederam de arvores, como troncos de vida. Assim, as suas primeiras sensações são também *percepções*.

Na mythologia do Norte os anões precedem o genero humano.

Houve muitos delles e se poderia escrever um volume a respeito das correspondencias dadas em seus nomes.

E' facto notavel que todas as mythologias declaram sempre uma Edade de Ouro de que o homem actual é um degenerado, e algumas dellas encerram até uma prophesia de uma *restauração* que virá no fim, depois da purificação pelo fogo na plenitude do tempo. Tal é o caso no *Voluspa*, livro da criação e geração no *Edda*. Em sua conclusão, quando morto Baudur, o branco, o puro, volta de Hela, terra inferior, para a Terra dos homens, as nações do Justo são recebidas na felicidade eterna pelo Governador chegado ao seu reino, e os filhos da serpente são levados por Nidhögg o derrubador, o destruidor, a "serpente de baixo", para a terra *dos cadaveres* que é a dos espiritualmente mortos.

Outra vez é prophetizado no livro do *Vala*, que depois da destruição do mundo (que é narrado em symbolos apocalypticos) – o sol tornando-se preto e as tranquillias estrellas caindo do céu – depois de o grande calor ter pleiteado contra o proprio Céu, – a terra produz pela segunda vez uma relva estival do oceano, e os deuses se encontrarão nas planicies de Ida, e discursarão sobre a serpente envolvendo o mundo e se recordarão dos poderes do destino e dos *runes* de Odin tres vezes grande. E se accrescenta isto: "As maravilhosas mesas de ouro serão de novo achadas na relva, aquellas que elles tinham tido nas remotas edades".

Ora, essas mesas de ouro significam as percepções celestes escriptas nos corações dos primeiros homens e que hoje se encontram na *relva (gramen)* de Swedenborg para o alimento dos entendimentos dos homens presentes.*

Por conseguinte, si o velho Christianismo tivesse desaparecido de uma vez e si o novo Christianismo não tivesse vindo agora com a Nova Jerusalem, esses mythos não serviriam muito melhor as almas e as mentes dos povos e das nações do que o Comtismo, o Darwinismo, o agnosticismo e o materialismo que pretendem substituir a crença religiosa?

A mythologia Escandinava é fortemente anthropoide e até a substancia de seu mundo é organica e de origem humana-gigante. Com effeito, *Ymir* era um gigante que "vivía no remoto passado quando não havia areia, nem mar, nem ondas frias; quando não havia terra e não havia alto céu; havia o abysmo do vacuo, mas nenhuma verde herva". Então da carne de Ymir foi a terra

* A relva (*gramen*) significa o véro mesmo da Igreja que nasce primeiro no homem.

formada; de seus ossos foram feitas as montanhas; o céu foi feito da cabeça do nevado Jotun e do seu suor os mares.

Nisto, que parece uma loucura, vemos á luz da Doutrina a base humana da criação, que é, por assim dizer, não uma materia grosseira, mas um pre-organismo para a obra do Genesis do creador do mundo. “Façamos o Homem á nossa Imagem”, tendo já prospectivamente descido d’Elle e estando cheio d’Elle a misera natureza do terreno. Cumpre observar tambem aqui o *gigante nevado*, como em uma certa phase da criação designando uma era de frio, um proposito de “invernos poderosos” detendo o calor dos intentos Divinos e fazendo possível a temperatura que o *homo protoplastus* (de Swedenborg) podia supportar.

VII

AS FORMAS DOS ANIMAIS COMPOSITOS NA BIBLIA E NA MYTHOLOGIA

A Revelação, pelas visões e pela videncia na vigilia, tambem trouxe á mente humana representativos compositos em que varias bestas entram em uma só creatura, formando animaes compositos, e outros em que o homem e o animal estão unidos. Ha muitos exemplos disto nos Prophetas e no Apocalypse.

Tudo isso é racionalmente e espiritualmente significativo quando a sua significação é revelada. Seria necessario um volume para enumeral-os; elles pertencem ao sentido interno da Palavra (Biblia) revelado á Nova Igreja e elles teem attestado uma natureza humana, porque as qualidades dos homens são muitas vezes discernidas como as de animaes especiaes, e um simples homem póde ter varios animaes em seu character.

Os emblemas e as insignias que as nações applicam a si proprias attestam a mesma cousa, como, por exemplo, a Aguia de duas cabeças e outras. O que existe na Mythologia é um reflexo da Revelação. Os mythos indianos estão repletos de creaturas compositas. Na Assyria antiga ha os touros com cabeças de homem e a Esphinge mostra um exemplar abundante dos hieroglyphos no Egypto.

O centauro ocorre entre os mythos gregos. E’ no mundo espiritual que elles originam e se justificam. Assim os cherubins teem olhos adiante e detraz. (Ler o *Apocalypse Revelado* de Swedenborg).

A razão do homem póde ser instruida a respeito e aprender a necessidade dessas apparencias divinas e a significação de cada forma espiritual. Taes formas são exalações das terras espirituas em correspondencia com as suas sociedades e são propheticas dos seus futuros.

Pela maior parte do lado do mal as fôrmas são monstruosas e são a incorporação de persuasões e dogmas de religiões falsas que fazem a mente composita em varias formas retratadas, porque taes persuasões e dogmas quando confirmados são *espiritualmente* constructores e organicos, ainda que as igrejas e as sociedades neste mundo não tenham concepção das bestas extranhas que ellas estão tomando no mundo espiritual. São formas especialmente representativas de falsos principios a que ellas correspondem. Por exemplo, o Dragão no Apocalypse encorpora a heresia cardeal da justificação pela *fé só* dos Reformados e o clero que está confirmado nesse credo são as suas moradas organicas.

Taes formas occorrem principalmente nos Prophetas e no Apocalypse e não nos primeiros livros da Palavra. Mas o mundo espiritual as contém e por isso ellas são representadas na Mythologia. Ellas encorporam as correspondencias mais antigas collectadas por *Cain* e depois por Enoch e transmitidos em uma Palavra divinamente inspirada á Igreja perceptiva da primeira raça humana.

Ha razões poderosas porque taes cousas foram conservadas.

A primeira é que ellas não podiam em suas formas degradadas e medonhas ser arrancadas do homem sensual sem uma violencia á sua natureza, porque ellas são os filhos da sua vida e o seu *proprium*. A segunda razão é: não é, méramente que ellas corroboram a Escriptura (Biblia), mas a sciencia das correspondencias hoje restaurada, ensinará a significação dellas a todas as raças e

assim ajudará a remontal-as pelos seus proprios archivos memoriaes e tradições a Christo para Quem todas as correspondencias convergem e em Quem todos os mythos desaparecem. E Elle assim tambem esmagará a cabeça da Serpente.

A historia dos estados mentaes-espirituaes e direi mesmo a Historia Theologica dada por Swedenborg, mostra claramente a origem Divina das correspondencias. Basta ler com attenção o Primeiro Volume dos seus *Arcanos Celestes* para se certificar disto.

VIII

A ORIGEM DAS CORRESPONDENCIAS

O conhecimento das correspondencias foi dado na vida da regeneração, não da raça de Adão, mas da raça denominada *Adão*, porque a raça de Adão foi um declinio. Esses primeiros homens no sentido proprio de *Homem* (Adão), constituiram a Igreja primitiva e celestial. Ora, segundo o Genesis, Adão deu ás cousas, que lhe foram apresentadas, os seus nomes, e Jehovah, que o inspirou, aceitou a sua nomenclatura. E pela percepção, procedente de seu Creador e Factor elle possuia a significação das cousas neste mundo das formas, como correspondendo a cousas espirituas, e, exprimindo as cousas espirituas as cousas naturas, eram os nomes que dimanavam dellas e lhes eram adequadas.

Esse Adão era, pois, esta raça suprema e fallou por creações e a Palavra que estava com elle fallou pelas mesmas. Todas as primitivas gerações foram chamadas por nomes singelos como assignalando que toda sociedade na terra ou no céu é um homem.

Nessa Divina Palavra a serpente era a *natureza sensual*, inoffensiva, benigna e util em seu lugar, e Eva era o Egoismo, o amor do *eu* ou do *proprio*. Não havia cousa alguma “ignorante” ou selvagem, mas algo de divinamente amante, poderoso e bello em fallar como Deus e a Sua Palavra fallam, por creações. Essa falla era differente para as nossas palavras e letras que por si mesmas são intrinsecamente sem significação. Era um corpo humano de falla, tendo nelle o coração dos homens da idade de ouro.

As revelações foram por conseguinte o principio, porque o homem com o seu livre arbitrio tinha de se elevar do pó da terra, isto é, do homem “preadamita”, *homo protoplastus*, como o chama Swedenborg – não do homem prehistorico, – mas para a Igreja chamada Adão.

Nada mais podia ser iniciatorio a uma creatura perfeitamente inerte como o homem que acabava de ser feito, senão Deus sómente. Na falta de pae natural e de mãe natural, Deus e os Seus espiritos ministrantes particulares* naturalmente o assistiam. O Creador auxiliava minuciosamente a creatura que tinha de ser primeiro a Sua *Imagem* e depois a sua *Similhança* e vice-regente. E assim por incessantes revelações, divinas como o seio de Deus, e mais ternamente natural do que o seio de mãe e por suas instrucções, o Homem Adão nasceu. As visões e os sonhos foram tambem os instructores assistentes enviados do céu, porque na innocente progressão perpetua do estado espiritual do homem até ao seu apogeu no estado celestial, nenhuma impureza do mal e de falso hereditarios podia extragar ou repellar o influxo, como seria o caso hoje em dia com a maioria dos homens.

A mente primitiva foi assim dotada de influxos supremos e angelicos; e em grande amplidão recebia-os conscientemente e conversava com os anjos na linguagem das correspondencias, na qual tambem a Primeira Palavra foi escripta e em que tambem estao escriptos o Antigo e o Novo Testamentos. Mas este estado de percepção não continuou. As phases de seu declinio até ao seu termo estão escriptas no Genesis.

Como seria longo narrar tudo basta dizer que desde os primeiros tempos o espirito humano esteve repleto de uma multidão de correspondencias. Mas quando as edades adamicas se enrolaram como um pergaminho, a unidade que nellas reinava e as dirigia, a unidade de Deus se perdeu, e os objectos da natureza que corporificavam as correspondencias foram adorados. Os poderes da mente,

* “Façamos o homem em nossa propria imagem”. A forma do plural se refere aqui ao “ministerio dos anjos”. Ver *Arc. Cel.* capit. I. 26, n. 50.

os acontecimentos da vida e do tempo, os objectos da natureza como o sol, a lua e as estrellas foram adoradas como deuses.

IX

EGREJAS SUCCESSIVAS

A primeira Igreja que era Celestial extinguiu-se rapidamente e o seu fim foi representado pelo Diluvio. A Percepção ou uma intuição espiritual das cousas se perdeu com ella.

Um novo centro humano foi significado pela Igreja denominada Noé. Esta foi uma Igreja Espiritual, com a verdade externa, mas não com o amor interno como centro.

Esta degenerou e deu lugar á terceira Igreja natural, a Israelita em que o bem natural e a verdade da vida foram preservados.

A Igreja Judaica, continuação desta, foi uma Igreja meramente ritual ou representativa que não possuía percepção nem consciência, nem bem natural, como centros, mas a sua missão era a obediencia aos Dez Mandamentos e a representação em ritos e formas das correspondencias na Palavra Judaica em que se fundava a remanescente comunicação do céu com o homem.

Acompanhando essa grande estrada das Providencias, como diz Wilkinson, as Igrejas que foram as suas estações, foram creando heresias e instituições de idolatrias em que a Palavra de Jehovah ficou pervertida.

São essas as Religiões pagãs. E dahi se originaram especialmente as Mythologias e Falsas Palavras e Cultos, não provenientes de *habitantes de cavernas* ou *moradores lacustres*, mas dos que amavam o mando e regiam os imperios e que serviam de feiticeiros e de magos como de um poder espiritual.

Mas as magias não eram Revelações Divinas mas eram os restos das derrocadas religiões em que havia a sciencia das correspondencias.

As raças que produziram os mythos ainda existem e o seu escopo geographico demonstra, como Bacon claramente viu, uma radiação de um centro dynamico original. Taes restos existem entre os Neo Zelandezes, uma das raças mais finas dentre os selvagens. Entre estes ha uma fabula que representa que o céu e a terra estiveram no principio juntos e se tocavam de modo que não havia separação entre elles.

Mas surgiram *arvores* que separaram a terra e o céu. Ora, no Genesis tambem as arvores entre os da primeira raça separavam o céu e a terra. As arvores, no sentido espiritual significam as *percepções* diversas.

X

ORIGEM DO HOMEM

Quando lemos os Escriptos de Swedenborg, os quaes são uma revelação historica dos estados por que tem passado a Humanidade desde o principio até hoje, vemos logo que não ha, espiritualmente, tempos prehistoricos no que diz respeito ao genero humano porque as edades preparatorias para o homem são, como diz Wilkinson, edades de movimentar a materia e a vida, ainda que (no tempo) antes da historia sagrada ou profana, ellas não são commensuradas com a historia, mas são simplesmente não historicas e ante-humanas. Antes de o homem ser regenerado, isto é, antes de elle nascer para o céu, elle é um *homo protoplastus*. Elle é qual a criança cuja vida passa desapercibida ou cujos actos não são lembrados, pois a criança verdadeiramente não vive espiritualmente. Elle é o homem antes de se “fazer a luz”, elle é a “terra sem forma e vasia e trevas sobre a face do abysmo”.

Todo homem por criação e nascimento é a principio *homo protoplastus* como Swedenborg o chama.

Os primeiros homens foram, pois, *preadamitas*, isto é, antes de alcançarem o estado de *Adão* ou *Homem*, como a criança que nasce não é ainda um homem mas um candidato a homem, porque as suas faculdades ainda não estão formadas e são essas faculdades que constituem a forma humana real.

Os *preadamitas* não pertencem, pois, á história primitiva que é Divina, nem á história secundaria, que é humana; por conseguinte, elles não são *pre-historicos* mas *post-historicos*. Só quando elles se tornaram homens, isto é, estiveram no pleno gozo das suas faculdades, é que a sua historia começa; mas como a vida primitiva delles era bastante differente da nossa, pois viviam mais espiritualmente do que naturalmente, sem duvida tambem a constituição do seu organismo humano era bem differente do que ella é hoje depois que se operou a quêda, como se deprehende do que foi revelado a Swedenborg.

A sciencia só trata de factos e o seu escopo não vae além do corpo e dos ossos que vão ter aos museus; ella, ainda que util, não póde transpôr a materia e penetrar no plano espiritual. Quando o homem chegou a construir casas e templos então, sim, a sciencia poudo dissertar sobre os restos deixados pelos homens e estes cáem sob a sua critica historica.

No Genesis vem traçada a criação do homem nas suas phases de elevação espiritual e celestial e por conseguinte o livro não trata de geo-genesis nem de geologia. A antiguidade do homem ou a época em que elle primeiro appareceu no palco material, está fóra do escopo directo das informações do céu. A Divindade da Biblia está em seu sentido espiritual e celestial agora revelado, mas não na letra excepto indirectamente, como se dá com a alma e o corpo, porque o sentido espiritual é a alma e o sentido da letra é o corpo. Sendo assim, o Livro Sancto não póde tratar de factos naturaes que perecem ou se dissipam com o tempo, mas só trata de factos espirituaes que são eternos e estão fóra do tempo e do espaço. A letra, como o corpo, é o vehiculo para a manifestação ou vida da alma neste mundo, e, por isso, ella é empregada para transmitir os actos da alma.

Naturalmente, o homem tendo sido creado no espaço e no tempo teve de ser formado e nascer em um lugar e por isso a sua primeira habitação foi, pela revelação e pela razão, uma realidade geographica. Quanto ao tempo e á sua antiguidade neste planeta, o que os annos podiam significar não é revelado; as “curvas successivas na espiral do tempo são quantidades desconhecidas”, como diz Wilkinson, mas os estados successivos do homem, as relações da sua vontade e do seu entendimento para com o seu Creador substituem os tempos e tambem os espaços, na Biblia. Esses periodos e logares são humanos e celestes, mas não astronomicos ou geographicos, como a revelação nol-o dá a conhecer.

E’ certo que o homem appareceu na terra quando uma habitação maternal ficou prompta para elle e quando houve um ambiente favoravel. Mas elle não foi companheiro do ichthyosauro e do plesiosauro. Os primeiros filhos e filhas de Deus, um ou muitos, criancinhas ou adultos, não passaram a sua infância entre os ursos das cavernas e os pelludos rhinocerontes, mas o berço e os primeiros passos dos filhos do Altissimo foram vigiados e acompanhados por melhores amas do que taes animais.

Tambem nada se sabe da sua sepultura natural, pois sem duvida os seus ossos não eram como os nossos, nem se fossilizaram como os nossos, e, assim, os ossos chamados prehistoricos não lhes pertencem. Estes ultimos ossos são de selvagens recentes contemporaneos dos animaes máos.

O Genesis trata sómente da primeira Religião, representada por *Adão*. Esse primeiro estado da humanidade, dependendo da relação de Jehovah com o *proprio* ou o egoismo, com a sua livre vontade como seu determinante, se tornou, com a consciência e com as naturezas espiritual e moral, em um estado perecivel. Quando, pois, o primeiro Adão se insurgiu e desobedeceu ao influxo celeste, a personalidade primitiva foi mudada e tambem a ordem das cousas mudou essencialmente, porque o homem, que é o fim, o vertice da criação, mudou e foi mudado. A terra foi amaldiçoada por sua causa e produziu urzes e espinhos. As creaturas que eram *fetaes* em natureza, os enormes animaes que a alimentavam com vida, o reino dos fosseis, então, cederam o lugar a uma outra ordem de creações de intuitos malignos, que fizeram guerra ao genero humano.

As primeiras formas separadas da sua época, esses colossaes mammoths e lagartos que tinham um aspecto feio, mas que o não eram mais do que as formas fetaes de todos os animaes, que são repulsivas e que não puderam ser observadas senão por olhos scientificos.

Mas o facto é que das primeiras evoluções provindo das fervidas aguas e da terra em evaporação, que deviam produzir a besta, o passaro e os reptis, não eram inimigos do homem, porque o homem não existia em seus dias. Esses monstros vorazes se comiam uns aos outros, como o facto tambem ocorre no feto humano. Com effeito, elle encerra muitos orgãos e canaes de organismo que lhe são indispensaveis e são o seu estado, e estes são consumidos por causa dos *permanentes* nas exigencias progressivas da vida. Sim, outras funções mais elevadas as devoram e as destroem, mas taes partes cadentes são a organização humana tendendo ao nascimento e preparando-se para elle. Ellas morrem e talvez se destroem porque serviram, por sua vez, no torrido utero e cumpriram a sua obra. Os ultimos orgãos claramente se alimentam delles, como o embrião humano tambem vive do alimento humano e consome a mãe *voluntaria* e *feliz*. Mas os animaes máos não são d'essa ordem, mas procedem do homem perverso e são imagens d'elle e se associam com elle em termos eguaes, quando afinal elle baixa ao estado selvagem.

Os espermatozoides são exemplos das formas que podem ocorrer nos proprios inicios humanos; formas serpentinhas e casos similares de apparencia monstruosa são suggestões aos estudantes de embryologia. Taes formas, como diz Wilkinson, estão na linhagem directa do homem physico e tendem para a humanidade. Quando, porém, a criação total estava em embrião, essas extranhas evoluções da vida eram preparatorias para o homem e acabaram consigo, não gerando successores. Ellas eram os *vitaes* do mundo de então, sem os quaes elle teria sido morto animalmente.

Não é, pois, para admirar que não comprehendamos as suas fórmas, pois a sciencia não tem sequer imaginação das suas funções preparatorias no organismo-mundo. O espirito religioso, que não estudou estas cousas, pode ser facilmente levado a suppor que os “pobres monstros” desenterrados eram animaes ferozes, porque elles lhe parecem feios, e assim pode ser levado a crer que o mal existia antes do homem e achar difficil de crer em um Eden primitivo.

Herbert Spencer diz:

“Do selvagem incapaz de contar um numero acima de seus dedos e fallando uma linguagem contendo sómente nomes e verbos, surgem afinal os nossos Newtons e Shakespeares.”

Elle crê que isso ocorre pelo incremento de habitos e faculdades activas representadas nas frescas estruturas e combinações do cerebro e transmittidas hereditariamente a novas gerações de accumuladores similares, cada idade tendendo a se arrimar sobre os hombros da ultima, até que da pedra lascada surja um canhão. A nova Doutrina diz que não ha *essa sequencia* nas cousas ou essas amplificações de cerebros selvagens. Ao contrario, nada se distingue mais do homem selvagem do que a decadencia da natureza, do que a desaparição das suas hereditariedades.

Por degradações ou vicios naturaes, seria concebivel que uma linha de homens, como Newton e Shakespeare, se torne selvagem, mas o processo inverso é impossivel. E a razão é mental e cerebral. O selvagem perde a ascendencia, deixando as qualidades ancestraes uma por uma e com os seus nervos e miolos correspondentes. Não se põe em questão si a sua cabeça se torna mensuravelmente maior ou menor, mas que o conteúdo de seu craneo se torna cada vez mais improprio para transmittir a qualidade, é cousa fóra de duvida. A sua vida herdada mingua a ponto de não ter passado nem futuro, nem memoria commum, mas uma simples memoria privada; elle se torna como uma borboleta desnaturada que não produz casulos, até findar, por assim dizer, em uma pedra. Em taes condições, na permanencia da natureza, elle está abaixo dos animaes, facto que o distingue para sempre das tribus animaes, desde o ascidio ao elephante. Os seus instinctos são indestructiveis, embora sejam superficialmente alterados por circumstancias e tambem pela domesticação.

Mas o homem não tem instinctos permanentes, excepto em um sentido figurado, e originando do Creador com uma mente em branco, tendo livre arbitrio e consciencia inicial dentro d'ella e acima d'ella e por conseguinte uma capacidade para o bem espiritual ou o mal, elle póde ser instruido pelos paes por fóra e pelo céu por dentro. Tambem elle póde, pela razão e pelas faculdades

superiores, adquirir o conhecimento e transformal-o em habitos que não procedem dos instinctos, mas da acção de uma mente superior sobre uma mente inferior (*animus*) o *proprio*. Por isso, quanto mais elle descer na escala tanto menos o seu conhecimento ou saber lhe pertence e menores se tornam o seu cerebro e cerebello, tanto menos elle transmite á sua prole a fôrma verdadeiramente humana, e então apparece o selvagem irreductivel.

Ha falta de um élo na cadeia da criação, mas esse élo existiu e se rompeu porque dependia do livre arbitrio de homem. O élo unico é este: “Amarás ao Senhor teu Deus acima de tudo e ao proximo como a ti mesmo. D’estes dous mandamentos *dependem toda a Lei e os Prophetas*.” Aqui Jesus declara que a Palavra e a obediencia ao seu Primeiro e Segundo grandes mandamentos são uma cadeia e os dous élos actuaes d’ella são os dous amores de Deus e do proximo perpetuamente praticados na egreja da vida diaria.

O élo que não falta é o élo que assimila, mas não une, o homem aos animaes. O homem póde descer, mas nunca chegará a ser uma besta, porque nenhuma besta póde jámais fazer mal, no sentido da desobediencia aos Mandamentos Divinos. Um tigre é cruel, mas não no sentido, ou com o prazer que o homem é: elle é uma machina cruel por natureza e pelo prazer da natureza, mas não póde ser um demonio. Mas um homem póde descer abaixo dos animaes e os avilta quando elle é chamado um animal.

O élo commum que falta não tem affinidade com o fabuloso monstro que se suppõe ser o intermediario entre o homem e os animaes. A semelhança mesma entre os dous é, neste mundo, uma mera analogia. A corrente de cousas, desde o mineral ao homem, é uma estrada de ordem ascendente formando como um pedestal para o vertice humano; mas não ha cousa alguma creadora nella, excepto o Creador, e cada parte da serie é um fim em si mesmo e termina um degráo da ordem por si mesmo: o seu *Uso* fazendo-a substancial e causando a sua parada em alguma fôrma fixa de individualidade, ou, o que é o mesmo, de serviço. Si ella se exgotou na ascensão e se tornou alguma outra cousa, a criação seria um pantano que não póde receber os alicerces para o tempo. Mas, como diz Wilkinson, para realizar esta verdade, é indispensável reconhecer um Creador e uma criação. Mas si fizerdes o mundo da vossa propria cabeça, ou fizerdes o mundo fazer-se por si proprio da sua propria cauda, o homem selvagem em vós gerará com “o élo que falta” também em vós.

Examinemos agora as religiões dos povos antigos á luz da nova Revelação, que mostrará que em todas ellas ha referencia á Quêda, á Vinda do Messias e a uma nova era de amor e paz.

XI

RELIGIÕES DOS POVOS ANTIGOS

INDIA

E’ o unico povo que conservou intacta a religião de seus primeiros antepassados. Parece ser della que vieram os genios, os deuses e toda a mythologia primitiva. Essa religião é muito antiga e muito antes das pesquisas modernas os historiadores da antiguidade nos transmittiram o dogma da quêda, que era o em que se fundava toda a religião da India. Segundo esse dogma, o homem vivia primitivamente no socego da innocencia, mas a sua falta occasionou uma mudança em sua condição primitiva, e Jupiter, para punir a sua ingratidão, condemnou-o á dôr; mas o arrependimento do homem, tendo commovido o deus de compaixão, este o reintegrou em seu estado primitivo. Comtudo, no correr do tempo e no curso ordinario das cousas, a antiga confusão parecia renascer, em consequencia dessa idéa, os Indianos foram conduzidos á de uma de uma regeneração operada successivamente pelas incarnações das suas divindades.

As de Vichnú, sobretudo, são muito numerosas, mas a religião indiana só reconhece tres principaes: a de Brahma, a de Siva e a de Vichnú; é isto que constitue a Trimurti, isto é, a trindade indiana. O Deus supremo se revelou primeiro como Brahma ou Creador, depois como Vichnú ou

Conservador e Salvador, e, finalmente, como Siva, o Renovador, o Deus deste mundo por excellencia.

Encontramos aqui a Trindade Christã em seus elementos: a Divindade revelou-se igualmente como Creadora, Redemptora e Operadora, ou, em outros termos, ella se fez conhecer como Pae, como Filho e como Espirito Sancto.

Considerando-a bem de perto, essas tres pessoas são identicas na Trimurti da India. Com effeito, as relações de Pae e Filho são exactamente as que existem entre Brahma e Vichnú. Quanto á pessoa de Siva, ainda que se recusasse reconhecer nella o Espirito Sancto, por causa do papel que a mythologia indiana lhe attribue, deve-se ter em vista que esse papel é um symbolo de um a outro extremo e que o espirito póde ser tomado em boa ou má parte, como a nova Revelação nol-o ensina.

Ora, os emblemas affectos a esses tres seres confirmam ainda essa asserção. Com effeito, a terra, symbolo da Igreja ou da humanidade ligada a Deus, é affecta a Brahma; a agua, ou a verdade, a Vichnú, e finalmente o fogo ou o amor, quer bom quer máo, a Siva.

A Trimurti, em sua essencia, diz Max Muller, é apenas uma triplice revelação de Brahma, unidade absoluta emanando-se successivamente sob tres aspectos differentes, em tres forças distinctas, em tres pessoas perfeitamente eguaes, identicas no fundo e que differem sómente em sua acção e em seu desenvolvimento exterior.

A moral inteira dos Hindús se deduz completamente do dogma da quêda. O orgulho, dizem elles, é a causa do mal, de onde resulta que a abnegação do *eu* é um dever imposto a todo homem. Dahi vem, entre os brahmanes, o olvido de toda individualidade, a renuncia completa do *eu*; dahi vem essa vida contemplativa, na qual o homem se despoja do que elle tem de humano para se elevar a Deus. Ora, isto vem a ser a *deificação* ou a unificação dos philosophos gregos. E aqui se vê logo o *abuso* de um principio fecundo em virtudes sublimes; por consequente, esse principio, mal comprehendido, anniquila toda acção, todo sentimento, absorve em uma *contemplação esteril* todas as forças da alma e todos os poderes do pensamento.

BRAHMA

A mais antiga religião da India, essa mesma que se confunde com a origem das cousas, é a que foi revelada por Brahma, o creador do mundo, e por causa d'elle ella se chama Brahmanismo. Brahma é a primeira pessoa da trindade indiana. Deus Pae que primeiro se incarna para vir annunciar a verdade aos homens.

Uma tradição o faz nascer de uma virgem e que ficou virgem depois do parto milagroso. Esse Deus feito carne, verdadeiro Verbo incarnado, não era, porém, o Deus supremo; elle communicou aos homens a lei que por sua vez elle tinha do Eterno.

Eis como Creutzer (Livro I, cap. IV) caracteriza Brahma: “Uma idéa principal domina toda a cosmogonia dos Hindús: é que o Creador, para cumprir a sua obra, teve de se emanar pessoalmente em corpo e em espirito em todas as creaturas. Assim, o *mundo inteiro é a fôrma de Deus*, como *Deus é o espirito que anima o mundo*. Todos os seres creados, animaes, homens, são as partes *desse corpo gigantesco* que abrange tudo. De um lado elle haure na fonte pura da suprema intelligencia de onde elle derivou; de outro lado, elle participa das manchas e impurezas da materia, na qual elle desce e se incorpora. Assim, Brahma é o *Deus-mundo*; elle é tambem o *homem-Deus*, o *typo divino do homem* que é a *mais excellente de todas as fôrmas*, ou, antes, o mundo e o homem, imagens um do outro, são igualmente a imagem de Deus.”

Quem não reconhece aqui as doutrinas da Nova Jerusalem sobre a Divindade considerada como creadora e restauradora? O que o auctor allemão aggrega é ainda mais impressionador: um christão não poderia fallar em termos mais formaes de Jesus Christo. Assim, diz elle, a historia de Brahma é a historia do homem, da sua quêda e dos seus longos erros, das suas transmigrações expiatorias e da sua volta definitiva ao seio do Altissimo. Toda a moral dos Hindús vem reflectir-se nelle como em um espelho fiel.

Segundo uma tradição que offerece relações não menos notaveis, Brahma existe nos brahmanes; estes são honrados em logar d'elle, porque elle habita nelles. Amara-Simba lhe dá, entre

outros epithetos, o de alma do mundo; elle o chama a madre dos seres, o pae, o gerador, o mais antigo dos deuses.

VICHNÚ

Quando o Brahmanismo ficou alterado pelos dogmas do Sivaismo ou do culto da natureza, a divindade se incarnou uma outra vez na pessoa de Vichnú, segunda pessoa da trindade. Nelle o Creador, emanando-se das profundezas do infinito, tomou um corpo mortal, entrou em contacto com a materia para salvar o mundo.

No fim da idade presente, dizem os Hindús, virá uma nova incarnação de Vichnú; elle apparecerá montado em um cavallo branco, com uma espada resplandecente, para acabar com os crimes da terra. Então recommençará uma nova creação; então se manifestará uma nova idade de pureza e innocencia.

Não vemos aqui o Evangelho e principalmente o Apocalypse? Essas incarnações não representam na letra as revelações successivas que até aqui trouxeram o remedio aonde estava o mal, que restabeleceram a religião quando ella se alterava? Eis as proprias palavras de Vichnú a esse respeito: “Ainda que de minha natureza eu não esteja sujeito a nascer ou a morrer, ainda que eu domine toda a creação, comtudo eu mando a minha propria natureza e me torno visivel por meu poder, e tantas vezes que no mundo a virtude se enfraquece, o vicio e a injustiça se insurgem, outras quantas vezes eu me faço ver e appareço assim de idade em idade para salvar os justos, destruir os máos e fortificar a virtude abalada.”

Por estas palavras se vê, diz um dos mais sabios interpretes dessa mythologia, que o fim dessas manifestações da divindade, sob fórmulas humanas, é um fim essencialmente moral.

Era a Vichnú, diz Creutzer, era ao deus intercedor e salvador por excellencia que competia sobretudo desempenhar esses papeis diversos de poder e amor, de força e bondade ao mesmo tempo. Por isso, quando os Hindús fallam de incarnações, sempre se trata das suas.

A legenda encerra uma doutrina eminentemente moral: Vichnú, conservador do mundo, Deus bom e misericordioso, não se limita a velar de cima sobre a obra de Brahma, é preciso tambem que, nessas crises graves em que a terra, em perigo, pede um salvador, Vichnú, para combater o mal, para implicar-se nas cousas mortaes, se torne tambem mortal; elle aceita um corpo, se incarna, nasce, actua em pessoa, e assim, filho do Eterno e sua segunda revelação, élo visivel do mundo com o seu invisivel Auctor, elle tem em suas incarnações o character de um mediador divino que se dedica pela salvação das suas creaturas.

E em tudo isto vemos claramente a imagem e o papel de Christo.

RAMA

Vichnú tendo resolvido tomar uma setima vez nascimento no seio de uma mortal, nasceu na cidade de Ayodhya e teve o nome de Rama, isto é, o bello. Toda a vida de Rama é empregada a combater os gigantes impios e crueis que assolavam as florestas e os desertos. Como triumphador, elle é representado armado com a clava. Seu longo reinado terminou a Edade de prata e restaurou na terra todos os bens, todas as virtudes da Edade de ouro. Guerreiro, sabio e valente, elle se tornou no throno um sabio legislador.

Ora, os prophetas hebreus não fallaram tambem em outras palavras da missão do Christo e do imperio que Elle fundou na terra?

CRICHNA

Sob este nome Vichnú se revelou aos mortaes, em toda a sua gloria e em todo o seu poder. A mythologia indiana o faz nascer á meia noite, o faz viver no meio dos pastores, como o Apollo dos gregos, e o faz triumphar da temivel serpente Calixa.

Uma tradição notável o faz perecer sobre um lenho fatal (árvore), onde elle foi pregado por uma flechada e de cujo alto elle predisse os males que iam ferir a terra. Toda a sua carreira foi empregada quer em combates, quer em ensinos. Elle é representado tendo em sua testa o signo sagrado do sol, o *olho que vê tudo*. Muitas vezes, menino radiante, elle descansa no seio augusto de sua mãe, que lhe apresenta a mamminha. Outras vezes é um sabio, na attitude da reflexão ou conversando com os seus discipulos: é o melhor dos homens. Outras vezes, é Vichnú mesmo, reunindo todos os attributos da Divindade suprema.

As relações entre Crichna e o Messias são de tal modo evidentes que não ha necessidade de commentario.

Creutzer declarou uma cousa natural approximar a legenda de Crichna da do Christo. Com effeito, além da analogia dos nomes, se nos depara aqui a das circumstancias. Como o Christo, Crichna baixa á terra para salvá-la; e, por um sacrificio de que só elle é capaz, elle se sujeita a todas as fraquezas, a todas as miserias da humanidade, a uma morte cruel; elle se faz *pastor, guerreiro e propheta*, para deixar aos homens, quando sahir do mundo, um modelo de homem. Mas nem por isso deixa de ser o Deus por excellencia, o representante do ser invisivel, de quem elle recebeu a sua missão; poderoso e justo como elle, communicando as suas graças aos seus proprios inimigos e exigindo apenas dos seus admiradores a fé e o amor, um culto em espirito e verdade, o desejo de lhe serem unidos, o desprezo á terra e a abnegação delles.

BUDHA OU BUDDHA

Buddha é o ultimo dos grandes symbolos da religião Hindú. Como o Messias, parece pertencer ao mesmo tempo ás épocas cosmogonicas e aos tempos historicos. Elle tem relações taes com a antiga mythologia indiana, que dir-se-hia ser um ente ficticio. De outro lado, a sua incarnação claramente traçada, os pormenores exactos e uniformes da sua legenda, o seu papel de reformador bem averiguado, fazem considerá-lo como o auctor de uma revolução religiosa cujos caracteres pertencem aos tempos historicos. Emfim, uma relação mais singular existe entre as duas personagens.

Vejamos. O Messias nasceu entre os hebreus, entre os quaes Elle não é mais adorado; Buddha, nascido entre os Hindús, não gosa de culto algum na India. Os brahmanes conservam um odio terrivel á sua doutrina, como os rabbinos experimentam uma repugnancia invencivel por tudo que tem o nome de christianismo.

A doutrina do Christo é recebida unanimemente em todos os paizes da Europa onde estão espalhados os judeus sem patria e que são os unicos que desconhecem a religião geral. No oriente, vemos a religião de Buddha envolver o sul, o oeste e o norte do Hindostan e este paiz a repelle de seu gremio.

Os brahmanes fazem de Buddha a nona incarnação de Vichnú e o collocam immediatamente depois de Crichna. Buddha baixou da mansão celeste no seio de Mahanaya, esposa de um rei da casta dos brahmanes. Sua mãe, que o concebeu sem mancha, deu-o á luz sem dór. Chegando á flor da idade, elle foge para o deserto, ordena-se sacerdote, e, cercado de seus discipulos, entrega-se a uma vida austera.

Assim, na India como na Judéa, o Messias e Buddha nasceram de Deus e de uma virgem. Tanto um como o outro são o Filho por excellencia, o demiurgio encarregado de desenvolver a criação primeira, o regenerador, o Verbo ou a Palavra descida na materia, o mediador pelo qual se opera a salvação.

Antes da sua morte, elle annuncia que a sua doutrina terá uma duração determinada, prediz a seus discipulos violentas perseguições, indica uma terra estrangeira como o lugar de onde a verdadeira crença deverá sahir para dar a volta ao mundo; finalmente faz a promessa de um novo homem-Deus que devia apparecer muito tempo depois d'elle. Quanto a si, elle foi reunir-se á divina essencia e foi adorado entre os mortaes como Buddha, isto é, como sabio inspirado ou propheta em Deus mesmo.

Algumas variantes dessa legenda nol-o mostram tendo a seu lado dous discipulos favoritos; dá-se-lhe o epitheto de sol. Antigos monumentos encontrados na India o ornam com todos os nomes dados a Vichnú e a Crichna; chamam-no o Deus de misericórdia, o dispensador da salvação. Elle é representado muitas vezes como amamentado por sua mãe, que o tem sobre os joelhos; uma auréola cerca a cabeça do menino, como a da sua mãe. Esta, emfim, com Brahma e seu filho Buddha, constituem a religião denominada o Buddhismo.

XII

RELIGIÃO DA PERSIA

A mesma cadeia de montanhas que viu nascer a religião da India, foi de modo verosimil o berço da da Persia.

A primeira estendeu-se para o oriente e a segunda para o occidente.

Alguns eruditos viram o simples culto da natureza na religião dos antigos Persas; mas é facil ver que os objectos materiaes entre esses povos eram outros tantos symbolos. Por alguns, os Persas são appellidados os Puritanos do paganismo. Com effeito, seria difficil achar em toda a antiguidade, excepto entre os hebreus, cousa alguma que fosse comparavel á simplicidade tão severa, quanto sublime, da religião fundada sobre o Zend-Avesta. O sabeismo é nella de tal sorte idealisado, o culto dos elementos é tão apurado, todos os objectos da adoração tão rigorosamente subordinados á idéa de um Ser bom, Auctor e Salvador do mundo, que é impossivel que os auctores dessa doutrina sejam polytheistas. Com mais forte razão devemos consideral-os como extranhos a toda idolatria. O fogo sagrado que elles invocavam, para só citar este exemplo, era simplesmente para elles um emblema da Vontade ou do Amor Divino que creou o universo.

MITHRAS

Mithras é o Divino modelo de todo Persa; é Deus mesmo produzindo-se sob um aspecto humano. A sua essencia é a luz, e o fim de toda a religião dos Persas é de fazer o homem semelhante á luz, dissipar nelle as trevas por purificações continuas. Mas esse Mithras, cuja existencia nos é attestada por Plutarcho e que fica entre Oromazo e Arimano, e que por isso era chamado o *Mediador*, esse Mithras não é o deus unico dos Persas, porque, segundo Herodoto, esses povos adoravam uma divindade femea poderosa, denominada *Mithra*.

Essas duas asserções egualmente respeitaveis embaraçaram os eruditos. Creutzer, reunindo os dous nomes, fez Mithras-Mithra, divindade macho e femea. Estes dous nomes teem uma etymologia commum e significam egualmente o *amor* e o *sol*. Ora, isto nos leva a crer que os antigos, personificando dous attributos do mediador, os deificaram. Com effeito, o Messias é, ao mesmo tempo, o Amor supremo e o Sol das intelligencias. Foi personificando essa faculdade divina que todos os povos da antiguidade tiveram a sua grande deusa; os chaldeus a sua Urania, os gregos a sua Venus. E' ainda porque, esquecendo o symbolo para se limitar á letra que o culto da deusa do amor foi cercado por um cortejo de volupias que o deshonoraram. Mas os iniciados, para restabelecerem a religião primitiva, desviando-se da divindade que se pretendia honrar por homenagens monstruosas, adoraram a Venus-Urania ou a casta Diana.

Isolando sempre por esse modo o Amor Divino do acto executado pelo *mediador*, elles fizeram deste o filho da deusa, como no gentilismo christão os catholicos romanos fizeram de Maria a rainha dos céos e mãe de Deus.

Seja como fôr, Mithras se confunde entre os Persas com o sol; mas é um deus incarnado porque elle reconduz as almas a Deus, seguindo a carreira do sol através do zodiaco. A sua festa se celebrava, como a do Christo, no equinoxio da primavera e o dia de seu nascimento cahia em 25 de Dezembro.

Na doutrina de Zoroastro o mundo, qual elle foi produzido do seio do Eterno, era luz. Esta luz se obscureceu; então, veiu a opposição e a lucta da luz e das trevas, do bem e do mal.

Este combate tem de acabar no amor e por sua mediação. Esse amor, esse mediador é Mithras. Ora, este é o dogma christão sobre o Messias.

Mithras, dizia a doutrina, é o bem; elle é o amor e o amor é o seu nome. Em sua relação com Oromazo e Arimano, elle é o fogo de amor; em a natureza, o protector e o purificador do sol; em relação ao homem, elle é o reparador: sob todos os pontos de vista, elle é o mediador. E' elle que proclama o Verbo Divino, e elle reside nos que o publicam, nos sanctos prophetas. A obra do amor se cumpre na plenitude dos tempos no grande anno do mundo, formal de doze mil annos solares. Elle se cumpre no equinoxio da primavera sobre a linha que separa em duas metades eguaes á luz e ás trevas (emblemata visiveis do bem e do mal).

Todos os annos, no equinoxio da primavera, Mithras, genio do sol, immola em honra do Eterno o touro zodiacal. E' um sacrificio offerecido pelo sol vencedor. Ora, o sacrificio material é visivelmente o emblema de um sacrificio moral (Creutzer).

O principal mandamento da lei divina consistia em se conservar continuamente de guarda e prompto ao combate. Semelhante a Oromazo lutando victoriosamente contra Arimano, o Persa deve combater sem cessar as obras das trevas.

Sabemos que Mithras era chamado o Deus triplo. Os Romanos diziam que Mithras nascera de uma pedra. Ora, a pedra é o emblema da Verdade.

XIII

RELIGIÃO EGYPCIA

Examinando o accordo maravilhoso que se acha entre a religião egypcia e os phenomenos astronomicos, poderia alguém ser levado a crer como Chémeron e Dupuis, que esses povos nunca tiveram outro culto senão o dos astros, que não reconheceram outro mundo senão o visível, nem outra existencia senão a material; mas os néo-platonicos, a cuja frente está Jamblico, sempre consideraram o universo como um symbolo.

Para Chémeron, *Kneph*, era apenas a reunião e o aggregado dos elementos subteis destinados á formação dos corpos; para Jamblico era, ao contrario, a intelligencia, creadora suprema de todas as cousas. Aos olhos do primeiro Ptah era o fogo material; aos olhos do segundo, era o espirito demiurgico.

Em geral, os astrónomos e os geometras pouca attenção prestaram ao genio das nações antigas e aos testemunhos, e o meio mais seguro do que as experiencias physicas e astronomicas para a exposição desses symbolos extranhos é o de consideral-os sob o ponto de vista moral e intellectual que evidentemente domina nelles.

Alguns eruditos não tendo estudado bem a antiga religião egypcia pensaram submettel-a como á dos gregos ao systema de Evheméro. Elles confundiram o grande principio da doutrina egypcia, a emanação que implica necessariamente a incarnação, com os principios muito differentes da religião dos gregos. Entre os egypcios, a Divindade baixava até ao homem; entre os gregos, ao contrario, o homem podia elevar-se até á Divindade. O culto hellenico se fundava na apotheose, que é directamente opposta á incarnação que é geral em todas as religiões do Oriente. Os gregos não podiam crer na idéa de um deus abandonando as mansões celestes para vir soffrer e morrer na terra. Segundo a crença popular da Grécia, só um homem ou semi-deus é que poderia supportar o destino humano. Mas nas augustas doutrinas do Oriente e do Egypto e onde foram depositados de algum modo os *primeiros germens do Christianismo*, o deus, impulsionado por um amor infinito, se manifesta sob os exteriores do homem: elle se torna o Salvador de seu povo e para cumprir a sua missão inteira, elle se dedicou á morte.

HORUS (HERU)

O Messias, enquanto unido á matéria, é considerado como inferior ao principio supremo de onde elle tira sua origem. Essa inferioridade constitue entre elles as relações de pae e de filho. E', pois, o filho da Divindade que representa o Messias.

E' o que vemos no Egypto, onde Horus, filho de Osiris nos representa a pessoa do Restaurador. Elle triumphou de Typhon, genio do mal, como o Apollo dos gregos triumphou da serpente Python. A' semelhança entre essas duas personagens pareceu como tal aos antigos porquanto chamavam muitas vezes ao deus do Egypto Horus-Apollo.

OSIRIS

O monotheismo egypcio corresponde á Unidade de Deus, Khnemu representa o “Divino *Esse*” que é Jehovah; Amen é o Divino Existir e Ra é a Divina Essencia, e Ptah e Thoth correspondem á Doutrina da Palavra ou Sagradas Escripturas da Antiga Igreja e *Osiris* prefigura a Doutrina do “Senhor Redemptor”.

Desde a primeira dynastia até a ultima Osiris era adorado como o deus nacional do Egypto. A Osiris foram attribuidos todos os essenciaes de Um Deus Supremo, creador de todas as cousas e o unico que tinha o poder com “que os homens e as mulheres nascessem de novo”. (Budge) Diferente de qualquer outro Deus egypcio elle possuia duas naturezas e dous corpos: um divino e o outro humano, e duas almas, uma divina e a outra humana. Elle era o unico de todos os deuses que nascera homem na terra onde elle reunira o genero humano mas fôra traiçoeiramente morto pelos poderes das trevas. Depois da morte elle ressuscitou em um corpo humano completo e glorificado; um corpo divino e ao mesmo tempo humano.

A figura e a historia de Osiris não é nada menos do que a representação egypcia da prophecia Messianica original, derivada da Antiga Palavra, a narração da Incarnação do Verbo que estava no principio com Deus ou a historia do Senhor em seu humano, a unica Divina Pessoa em quem habita corporalmente a plenitude da divindade.

ISIS

A irmã e consorte regia de Osiris, era a deusa nacional do Egypto como Osiris era o deus nacional, e isto desde os primeiros tempos dynasticos até ao fim da antiga religião e cujo culto se manteve até ao quinto seculo da nossa era.

Como Osiris absorvia os attributos de todos os outros deuses, assim tambem Isis absorvia todos os attributos das outras deusas. Como cada deusa representava alguma afeição ou qualidade especifica do Céu e da Igreja, Isis, a deusa dos dez mil nomes, representa todas essas afeições ou qualidades celestes em um complexo ou o Céu mesmo e a Igreja mesmo como um todo.

Isis personifica a *bondade celeste* como Osiris personificava a *Divina Bondade*. Isis não tinha filho antes da ressurreição de Osiris, porque não podia haver *completa* conjuncção entre a Igreja (Isis) e o Senhor senão *depois* da Glorificação. Ella teve Horus depois da união com seu marido Osiris quando elle ressuscitou.

RELIGIÃO DA PHENICIA

Da religião da Phenicia só temos fragmentos e não a possuímos em sua pureza. Tudo que o escriptor Sanchoniaton nos conservou apresenta uma identidade tal com o Genesis, que Grotius achou nessa relação admirável razões para crer na authenticidade da narração de Moysés, enquanto que outros viram nesta um plagio de tradições anteriores.

Na cosmogonia phenicia o Verbo Divino mesmo, gravado em caracteres celestes, revelado á casta sacerdotal pelos deuses inferiores foi communicado por aquella ao resto dos homens. E' o Verbo Sancto da Escriptura.

ADONIS

O Adonis dos phenicios, nas primeiras circumstancias de sua legenda, representa como o Osiris do Egypto, o Libertador que soffre a morte e é ressuscitado. As mulheres da Phenicia pranteavam, em uma festa annual, a morte e a ressurreição de Adonis, denominado Thammuz por Ezechiel. O proprio vocabulo Adonis é uma prova da identidade das duas personagens tirada da palavra Adonai muitas vezes empregada na Escripura. Ella significa o Senhor.

A festa celebrada em sua honra que a principio se fazia no solsticio de verão, o foi depois como a Paschoa dos christãos, no equinoxio da primavera. Essa festa tinha duas partes: uma consagrada á dôr, a outra á alegria.

RELIGIÃO DA PHRYGIA

O mytho Athys é analogo ao de Adonis. Nas montanhas da Phrygia, como nas plagas da Phenicia, encontramos o mesmo culto si não na fôrma, pelo menos no fundo. Os phrygios se tinham como o povo mais antigo da terra.

Ahi se nos depara igualmente Athys perdido e reaparecido. A festa consagrada á lembrança desse acontecimento se celebrava igualmente no equinoxio da primavera. Dous dias de lucto precediam o dia da alegria. Os sacerdotes phrygios honravam principalmente a seu Deus fazendo-se eunucos. Essa superstição, tão esparsa na antiguidade, do mesmo modo que a que exigira virgindade nas mulheres e o celibato nos homens, é simplesmente a consequencia de uma idéa moral. Com effeito, os primeiros homens sabendo que o acto da geração material só devia produzir homens degenerados honravam ao deus que devia nascer de um deus abstando-se do acto pelo qual se propagava a raça degradada. A mutilação voluntaria dos sacerdotes de Athys teria assim, como o mytho das amazonas, uma origem religiosa. Estas teriam honrado de antemão a virgem que devia gerar; aquelles pondo-se fôra de procrear a raça contemporanea, celebravam o deus que, sem auxilio de um pae mortal, vinha destruir o peccado transmittido pelas leis da geração.

RELIGIÃO DA ETRURIA

Na alta doutrina dos Etruscos, Janus se identificava com Jupiter. A sua origem, segundo Creutzer, parece remontar até á India; é uma incarnação como a de Vichnú mas cuja idéa fundamental foi alterada por uma mescla de elementos egypcios e phenicios. Era facil ver nesse deus o principio supremo personificado, o que fazia dizer a Ovidio que a Grecia não tinha deus que ella pudesse oppôr a Janus. Com effeito, segundo a doutrina etrusca elle é chamado o Céu; elle é ao mesmo tempo o anno personificado, e o principio que figurou o anno não poude ser senão o sol que determina as suas phases. Assim, o primeiro mez, desde Numa, foi chamado Janeiro.

E' bom notar que uma das estrellas da Virgem celeste tem o nome de Janus.

Assim, a constellação que por sua passagem no meridiano indicava a renovação do anno, é affecta ás duas personagens, á Virgem e ao Messias o que leva a crer justamente que as duas só fazem uma.

Janus tem a chave symbolica e os leitores do Apocalypse sabem que o Messias é o unico tendo a chave de David.

Janus se diz do *sol* e todos os leitores da Escripura conhecem o *sol de justiça*; ele é o mediador entre os mortaes e os immortaes, e os christãos não conhecem outro meio de salvação senão a mediação de Jesus Christo.

E' este ultimo attributo de Janus que fez representar esse deus com um duplo rosto, um voltado para o céu e o outro para a terra.

Buttmann, considerando Janus como o deus do sol, acha nelle o nome oriental da divindade Jah, Jao, Jov, de onde se tiraram os nomes de Jupiter e de Jehovah.

GRECIA

A mythologia grega é muito interessante e, si não fôra o limite que me tracei, daria aqui uma explicação espiritual de toda ella para que todos soubessem como a nova Revelação penetra em todas as mythologias e religiões do passado e as explica sob uma luz inteiramente nova.

Como, porém, meu escopo é de mostrar os dous pontos capitaes sobre que se fundam as religiões antigas, isto é, a Quêda do homem e a Vinda de um Messias, aqui fallarei dos mythos que entre os Gregos representaram principalmente o Messias.

APOLLO

Apollo, reconhecido em geral na mythologia grega como uma incarnação do Sol, parece pertencer á essa theogonia oriental que, das margens do mar Negro desceu na Asia Menor, em Epheso e dahi em Délos, onde a opinião commum colloca o nascimento do filho de Latona. A antiguidade o faz filho de Jupiter, isto é, do Deus supremo e de Latona, a deusa occulta.

Essa origem mysteriosa indica uma relação entre o Messias, cujo nascimento devia igualmente ser marcado como um sello mystico. O filho de Jupiter alcança a sua primeira victoria contra a serpente Python, e o Messias triumphou do máo principio figurado sob o aspecto de uma serpente. Apollo, descido do céu e reduzido á condição mortal, se fez pastor; o Deus feito homem é frequentemente designado sob o emblema de um Pastor que conduz as suas ovelhas. Assim, o Messias como Apollo se approximam da natureza humana; tanto um como o outro, deixando o Olympo, triumpham de seu inimigos como guerreiros temiveis, ou vão, como pastores pacificos, apascentar os seus rebanhos. Tanto um como o outro parecem, emfim, alternativamente elevados e humilhados, caracter distinctivo da Divindade que se abaixou até ao homem para triumphar das paixões mortaes e elevar o homem até á ella.

PERSEU

As aventuras de Perseu nos retraçam symbolos cuja origem evidentemente oriental nos faz ver que as fabulas heroicas da Grecia são simplesmente tradições pertencentes á Revelação primitiva.

Como o Mithras dos persas, Perseu é uma incarnação do sol. Elle vem purgar a terra dos monstros que a infestam e a polluem como o Messias combatendo os vicios gerados por nossas paixões (monstros) liberta igualmente a natureza humana. Tambem Perseu, como o Messias, deve seu nascimento a uma virgem. Danae, inacessivel a todos os mortaes por estar encerrada em uma torre de bronze, se torna accessivel a Jupiter que se mudou em *chuva de ouro* e penetrou em seu seio e a fez mãe de Perseu.

Como o Messias, ou antes, como a Luz que segundo S. João luziu nas trevas, Perseu parte da côrte do rei das trevas, Polydecto, e, sob a protecção de Minerva (emblema da sabedoria ou da verdade que o Messias trazia comsigo), ele vae para o occidente combater as impuras Gorgonas; depois, voltando ao Oriente, elle liberta Andromeda, emblema da natureza humana. Aqui o mytho é notavel pois ha indicios reaes de purificação: o occidente é a morada das trevas; é ahi que se cumprem as obras das trevas que o Redemptor combate antes de fazer levantar sobre a humanidade o oriente mystico, symbolo do amor divino.

Perseu é representado armado de uma espada e é assim que o auctor do Apocalypse nos apresenta o Messias. Ainda mais: na esphera celeste, o carneiro collocado no equinoxio da primavera serve de symbolo ao Messias que começa o novo anno, o novo tempo, o da regeneração material. Pois bem: por cima desse signo figurou-se Perseu e como o Cordeiro elle abre um novo anno. O caracter moral que a vida de Perseu apresenta se conserva mesmo quando o deus é apenas um heróe cuja vida se mescla com a historia humana. E' assim que a tradição quer que elle matou o sensual e voluptuoso Sardanapálo.

HERCULES

Como o Mithras dos persas Hercules é uma incarnação do sol. Filho de Jupiter-Ammon, elle arde do desejo de contemplar seu divino pae, e este lhe apparece sob o aspecto do carneiro celeste, o primeiro signu do Zodiaco. Hercules se distingue de seu pae na mythologia egypcia, e em uma das escolas orphicas nós o vemos de tal modo identificado com esse pae que elle mesmo se torna o ser eterno e increado e esta é uma nova relação com o Christo, distincto a principio de Jehovah e depois reunindo n'Elle só a plenitude da Divindade.

A ilha de Thassos honrava em Hercules um libertador e nas moédas ella lhe discernia o titulo de *Salvador*.

Como o Messias tinha de experimentar as nossas fraquezas para nos ensinar a combatel-as, assim tambem Hercules é admitido ás tentações que devem fazer a virtude triumphar.

Os doze trabalhos de Hercules são um outro mytho que poderia servir de thema a muitos sermões. O eminente sueco Siljestrom, deu-nos uma exposição dessa fabula, interpretando-a como a divulgação das verdades da religião e da civilização. Elle diz: “As fabulas gregas são completamente symbolicas, e a sabedoria que falla segundo essa mythologia é tão profunda e comprehensivel que é impossivel deixar de ver a civilização actual de milhares de annos reflectida nella. Quantas civilizações floresceram e desappareceram antes de o homem se ter capacitado de perceber a essencia de cultura como é dada na fabula de Hercules?”.

Hercules desce aos infernos e são as mesmas expressões de que o symbolo popular dos christãos se serve ao fallar do Messias. O filho de Jupiter procurou combater o Hades, o imperio sombrio mesmo personificado em seu chefe; o Redemptor atacou os infernos. Hercules atacou a morte mesma como Euripedes diz, e S. João nos diz que perante o juiz o inferno e a morte foram lançados no tanque de fogo e enxofre. Hercules aboliu em toda a parte os sacrificios humanos e substituiu um culto puro a um culto de sangue. Aquelle que estabeleceu o grande sacrificio do homem e que se offereceu como a primeira victima, fez igualmente cessar os sacrificios sangrentos.

Emfim, Hercules morre como o Salvador; mas como Este elle morre para renascer mais glorioso.

Finalmente a chamma não consome em Hercules no monte Oeta senão os *elementos terrestres que elle recebera de sua mãe mortal*, mas o principio celeste que elle recebera de seu pae subiu para o Olympo.

Em conclusão, todos os deuses incarnados da antiguidade nos apparecem assim como o Christo emanados de um poder superior e voltando á origem de onde elles sahiram. Assim, tudo pôde remontar á Palavra (Biblia) e ás suas Correspondencias.

XVI

O EVANGELHO DA SEGUNDA VINDA DO SENHOR

A exposição do sentido espiritual da Palavra do Senhor é a missão principal da Nova Jerusalem ou Nova Igreja Christã, porque ella é a Igreja da Segunda Vinda do Senhor e é desvendando a significação espiritual dentro da letra que Elle fez a Sua Segunda Vinda. A Divina Revelação é que faz uma igreja, mas a faz segundo a sua capacidade de recepção. Toda a função de uma igreja é, pois, de receber, amar e dar a conhecer o que o Senhor revela d'Elle Mesmo e de Seu Reino.

As Escripturas do Antigo Testamento foram dadas aos judeus segundo a sua capacidade de recepção.

Elles foram capazes de receber uma revelação de Deus sómente como um dos muitos idolos das nações do mundo em que elles então viviam. Elles podiam pensar n'Elle e em Seu reino sómente como elles pensavam a respeito de um potentado terrestre com os seus poderes e as suas paixões. A letra das Escripturas dadas a elles tomou a sua fórmula das suas experiencias e habitos de pensamento. Essa letra foi feita segundo as apparencias da natureza e da vida natural; mas dentro

della e acima de todas estas apparencias estava o Senhor Mesmo como Elle realmente é, o Creador, creando por modos que elles não podiam entender. Assim a Igreja Judaica recebeu uma revelação que ella não podia entender direito. Ella não era uma igreja real porque não recebeu uma revelação de realidades, mas de apparencias, symbolos ou representativos da Divina Verdade. Ella mesma era um symbolo ou um representativo de uma igreja, e este é o seu valor nas Escripturas do Antigo Tratamento – receber e preservar uma revelação em symbolos que não podiam ser entendidos naquelle periodo, mas cuja significação mais profunda, espiritual e verdadeira seria desvendada em occasião opportuna.

Por sua primeira vinda o Senhor deu aos homens a significação *natural* desses symbolos; em um modo natural, terrestre Elle as cumpriu em sua propria vida. Elle foi concebido de Deus por uma virgem; cresceu até á virilidade como o Filho de Deus.

Elle foi semelhante a Deus, Elle manifestou o Pae, ensinou a seus discipulos a pensarem a respeito d’Elle como amante, misericordioso, bom para todos. Era uma revelação de Deus e de seu reino muito melhor e mais proxima da verdade do que a recebida pelos judeus; ella fez a Igreja Christã mais do que um symbolo, ou representativo, de uma igreja porque adorando o Senhor Jesus Christo como o Filho do Deus vivo, “em quem habita toda a plenitude da Divindade corporalmente”, em amal-O como seu Senhor e ouvir as Suas palavras e fazel-as como Divinas, a Igreja Christã se tornou uma igreja real e viva.

Mas foi ainda sob as apparencias do mundo natural que foi recebida esta revelação de Deus e de Seu reino. Os discipulos amaram ao Senhor como um representante de Deus, o Filho de Deus, e não como Deus Mesmo incarnado.

Elles não comprehendiam como Elle e o Pae podiam ser um; era um mysterio sagrado e sempre mystificador.

E elles pensaram em seu reino tão inteiramente de accordo com as apparencias da vida na terra que elles esperavam sentar com Elle sobre os doze thronos julgando as doze tribus de Israel. E esta é a significação literal dos Evangelhos. A letra é escripta tão de accordo com as experiencias e os pensamentos dos evangelistas que ellas são como nuvens cobrindo a significação espiritual interior, na qual o Senhor e os anjos habitam.

Nestas nuvens o Senhor fez a Sua segunda vinda, mas não nas nuvens literaes do firmamento terrestre, como a primeira Igreja Christã por tanto tempo entendeu que a Sua promessa significava. Primeiramente a seu servo Emmanuel Swedenborg, o Senhor Jesus appareceu nessas nuvens da letra da Divina revelação, como o unico verdadeiro Deus vivo do céu e da terra e em segundo logar pelos escriptos de Seu servo Elle está apparecendo a todos quantos o quizerem receber.

Esta revelação d’Elle Mesmo e de Seu reino nas realidades do mundo espiritual, dentro e acima de todas as apparencias da natureza e da vida no mundo natural, é dada pela explicação da significação espiritual dentro e acima da significação da letra. E ella é tão differente daquilo que os Judeus e os Christãos do passado entenderam e receberam da Palavra de Deus que ella constitue uma nova revelação dentro das antigas Sagradas Escripturas. Na verdade, ella faz uma nova Biblia da velha, que sómente uma Nova Igreja pôde receber e amar e ensinar ao mundo. E se pôde ver a grande necessidade que o mundo tem della pelos resultados da alta critica e da destruição que ella faz das crenças do passado, pois tal critica deixou as denominações (seitas) da primeira Igreja Christã na duvida e na perplexidade. Ora, é sómente a exposição da significação espiritual que pôde projectar luz nas trevas actuaes.

A exposição da significação espiritual da Biblia pertence á Nova Igreja Christã ou Nova Jerusalem, mostrando como o Senhor fez a Sua segunda vinda promettida por Elle nos Evangelhos e descripta no Apocalypse.

AOS LEITORES

A Nova Igreja no Brasil, cuja sede é na rua Visconde de Itaboraí n. 35 2º andar, foi introduzida neste país desde 1893. Ella tem os Escriptos Theologicos e Scientificos de Swedenborg, tem a revista a *Nova Jerusalem* que é o seu órgão official, tem uma liturgia e celebra o Culto do Senhor Jesus Christo todos os Domingos, das 11 horas ao meio-dia e celebra os Sacramentos do Baptismo, da Sancta Ceia, do Noivado e do Matrimonio, segundo a nova Revelação.

Em todos os dias uteis, excepto Sabbado e Segunda-Feira, das 12 ás 16 horas se dão explicações e instrucções a quem quizer.